



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FOLCLORE.

VASCONCELOS, João

Ano: 1899 | Número: 16

Como citar este documento:

VASCONCELOS, João, Folclore. *Revista de Guimarães*, 16 (1) Jan.-Mar. 1899, p. 44-47.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

FOLK-LORE

Tradições populares

Meu caro amigo.

Li com particular attenção os seus dois ultimos artigos *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, insertos na *Revista* d'essa cidade, e é bem de vêr que me não passou desaperecebida aquella notasinha na qual o meu amigo me dá, muito ao de leve e de fugida, uma ligeira alfinetada; pois é a este respeito, não da alfinetada, mas da nota em si e do seu conteúdo que eu o vou occupar.

Diz o meu amigo, logo no principio da nota, o seguinte:

«O costume de lançar uma moeda nas sepulturas perdeu em algumas partes até o primeiro quartel d'este seculo».

Vejo, com surpresa, que o meu amigo não está muito bem informado a este respeito, ou então os costumes do povo da sua terra differem sensivelmente, no tocante a tal usança, do povo meu conterraneo. Aqui, pelo menos na minha e circumvisinhas freguezias, ás quaes tenho limitado por ora as minhas recentes indagações, o costume de lançar no caixão dos mortos uma moeda de cobre, cinco ou dez reis (não pôde ser moeda com *cruz*, note bem ¹), e, com esta, outros objectos

¹ «Porque é que a moeda não deve ter cruz?» Resposta invariavel: «Porque não é accete — porque o diabo não pega n'ella — porque o diabo não pôde vêr a cruz».

mais, taes como uma agulha enfiada, uma côdea de pão, um rosario de contas, é frequente e geral. Aqui, á porta mesmo da minha casa, tenho um factó recente. O caseiro da quinta lançou no caixão de uma filha, fallecida de cinco para seis annos de idade, uma moeda de cinco reis e um pequenino rosario de contas. O interessante é que os circumstantes, que presenciaram o caso, reprovaram a coisa, não pelo factó em si, que é corrente, mas sim (admire os doutores da lei!) porque, attendendo a que a morta era uma creança innocentinha e sem peccados, estava por esse factó isenta do tributo a Santo Hilario ¹. Póde crêr que cheguei a ser consultado sobre este intrincado caso? Pois é verdade; e respondi que respeitassem a vontade do homem, sagrada na sua dôr de pae. E assim foi a innocente, com o tributo para o santo ou para o diabo, que parece ser o que actualmente cobra o tributo da moeda, e com o rosario para se encommendar ao verdadeiro Deus. Póde chamar-se a isto prender a nau a duas amarras.

Vamos agora ao fructo das minhas recentes indagações. Começarei pela minha freguezia (Rio de Gallinhas). Aqui, mettem no caixão do morto uma moeda de cinco reis, umas contas e, uma ou outra vez, uma agulha enfiada. A moeda, para passar no campo de Jurafaz (*sic*) e metter na bocca do diabo que lá está de guarda, aliás não deixa passar; as contas são para o morto se ir encommendendo a Deus pelo caminho, e a agulha para concertar o vestuario no outro mundo. Tambem se não deve atar as pernas do morto, porque elle por si as não póde desatar e, portanto, não poderá andar no outro mundo. Segundo outra versão, a moeda de cinco reis é para passar na *barca* de S. Thiago, onde, quem não foi em vida, tem de ir depois de morto.

Na freguezia de Fornos, confinante com a de Rio de Gallinhas, usam igualmente lançar no caixão uma moeda de cinco reis e, com esta, uma côdea de pão e uma agulha enfiada. A moeda, para passar na ponte de Jurafaz (*sic*); a côdea de pão para dar ao leão, que, enquanto a devora, deixa passar; e a agulha para os concertos.

Na freguezia de Soalhães, confinante tambem de Rio de

¹ A minha informadora, testemunha de vista, acrescenta que, quando se estava debatendo o caso, uma velhota, que assistia á discussão, exclamára do lado: «Crédo! Santo Hilario não se pôe lá ás voltas com as creanças». Vêr-se-ha adiante em que consiste o tributo a Santo Hilario.

Gallinhas, lançam igualmente no caixão uma moeda de cinco reis, uma côdea de pão e atam às mãos do morto um rosario de contas. A moeda, para a passagem; a côdea para dar a um, outros dizem a dois leões, que estão de guarda á ponte, um de cada lado, e que é preciso afagar (*sic*); as contas para o fim já sabido.

Na opinião de outros, a côdea é para «cortar os maus ares», os quaes se cortam, se o morto «desjejuar» logo que entre no outro mundo. Ha o mesmo preconceito com relação á missa: quem fôr á missa em jejum, pôde ter um mau ar.

A côdea é, finalmente, na opinião de outros, para dar aos que estão no outro mundo, pois que, apenas o morto entra, o cercam logo a pedir-lhe de comer.

Na freguezia de Taboado, outra confinante tambem, a mesma costumeira da moeda de cinco reis e uma agulha enfiada. A moeda, para a passagem na ponte de S. Thiago de Galliza; a agulha para o já dito e repetido. Agora a lenda, que é curiosa: «A alma não pôde salvar-se, se não passar na ponte de S. Thiago de Galliza e, passada a ponte, vir juntar-se ao corpo, que está sobre terra, para o acompanhar á sepultura: é para isso que o corpo não deve ser sepultado senão 48 horas depois do fallecimento. Se o corpo é sepultado antes que a alma regressse, se esta se retarda na viagem e, na volta, não encontra o corpo sobre terra, a alma perde-se e o corpo fica excommungado (*sic*). A ponte de S. Thiago é toda aberta (*sic*) (não tem pavimento), e a passagem, que a alma atravessa, tão estreita como o gume d'uma faca. Se a alma não pôde atravessar a ponte, se cae, perde-se, e o corpo vai a enterrar sem alma. Segundo uma outra versão, por baixo da ponte, está o diabo com umas forganchas na mão e fogueiras accesas. Quando as almas passam, o diabo abana com a ponte, a vêr se as almas caem abaixo: as almas que passam, salvam-se, as que caem abaixo, vão para o inferno.

A alma sae da bocca do morto na fôrma de uma borboletinha branca, e, quem tiver os olhos bem attentos no rosto do moribundo, vê claramente, no momento em que este expira, sahir-lhe da bocca a tal borboleta. Esta borboleta, «branca como o fanôco da neve», é que faz a dita viagem e tem de passar na já referida ponte.

Na freguezia de Sobrado, concelho de Paiva, referiu-me pessoa de lá que, alli, é costume metter no caixão uma moeda de cinco reis, uma agulha enfiada, um novellino de linhas, dedal e tesoura. A moeda é para Santo Hilario deixar passar

na ponte. Quem não levar a moeda não passa, e, se fôr mulher donzella, sobre não passar, é deflorada pelo santo. É por isso que o povo, quando vai a enterrar qualquer donzella, costuma dizer: «É proveito de Santo Hilario». A agulha, etc., são para os sabidos concertos.

Para concluir e pôr ponto final n'este assumpto, que já vai cheirando ao que é, dir-lhe-hei que era na freguezia de Soalhães que os rapazes apanhavam com dois pausinhos e escondiam nas frinchas das paredes o dinheiro dos mortos solto pelo chão. Quem me referiu o caso por o ter presenciado, achando-o engraçado e rindo-se d'isso, foi o dr. Mólha, abba de da mesma freguezia, fallecido ha poucos annos.

A proposito da côdea e de Soalhães — a terra que se ufana de ter possuido abbades mitrados, com honras e attribuições episcopaes; de parochia de mais dilatada área que o proprio concelho e, finalmente, de ter o mais alentado padrão de medidas de vinho de todo o reino —; pois a respeito d'esta gloriosa terra e da côdea para o leão, tenho a referir-lhe mais duas seguintes *historietas*, colhidas hontem. «O morto que não levar côdea, não passa; fica de fóra e espera que venha outro da familia, que traga côdea; tira-lh'a da mão e passa, deixando este no seu logar, que, a seu turno, faz outrotanto ao primeiro que vier, e assim por diante». Tambem aqui tem curso a lenda de Santo Hilario, mas só parte. Aqui, o santo não arrecada o tributo da passagem, ficou com a outra regalia apenas: a de deflorar as virgens ¹.

Marco de Canavezes, 19-2-99.

JOÃO DE VASCONCELLOS.

¹ Para esta operação, o santo emprega um «chuço de ferro», que serve de thema comico aos commentarios dos solteirões, e que as proprias mulheres explicam d'um modo, que só na lingua latina — refugio de certas confidencias — poderia ser expresso.